

MÉTODOS DE QUEBRA DE DORMÊNCIA PARA SEMENTES DE TREVOS ANUAIS¹

RODRIGO FLORES ESCOBAR²; FRANCO DE ALMEIDA OLLÉ³; KAROLINE BARCELLOS DA ROSA³; EVERTON MAKSUD MEDEIROS⁴; ALEXANDRE TEIXEIRA DE CASTRO TERRABUIO⁴; OTONIEL GETER LAUZ FERREIRA⁵

¹Trabalho desenvolvido pelo GOVI - Grupo de Ovinos e Outros Ruminantes – FAEM - UFPEL

²Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – rodrigoescoibar94@gmail.com

³PPGZ-FAEM-UFPEL – francoolle@hotmail.com / barcelloskarol@gmail.com

⁴IFSul-CAVG – maksud@terra.com.br

⁵DZ-FAEM-UFPEL – ogferreira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

As leguminosas proporcionam benefícios ao solo como a fixação de nitrogênio e o aumento na qualidade e quantidade da forragem, melhorando os rendimentos agrícolas em sistemas agropastoris (OLANDA, 2012).

Para melhoria de campos naturais o gênero *Trifolium* é uma ótima alternativa, apresenta espécies com excelente produção de forragem e com grande qualidade. O trevo vesiculoso (*Trifolium vesiculosum* Savi) é uma dessas espécies, anual com ciclo longo e alto valor nutricional (VIDOR et al., 1998).

Sementes dormentes em decorrência de seus tegumentos impermeáveis à água, são comuns nas leguminosas, considerando que a embebição é necessária para realização da germinação (CASTRO et al. 1993).

A capacidade de germinação de um lote de sementes é avaliado pelo teste de germinação, conforme determinação das Regras para Análise de Sementes (BRASIL, 1992). No entanto, para superar a dormência das sementes é indispensável aplicar tratamentos que viabilizem a germinação eficiente do lote. Para espécies forrageiras alguns tratamentos são recomendados, como a utilização de ácidos fortes, a imersão em solventes (álcool, água, etc.), a escarificação mecânica e o choque térmico (Brasil, 1992).

O objetivo do presente estudo foi avaliar possíveis diferenças de eficiência na quebra de dormência de trevos entre a escarificação e o pré-resfriamento.

2. METODOLOGIA

O experimento foi realizado no laboratório de análise de sementes do campus Visconde da Graça do Instituto Federal Sul-rio-grandense, utilizando-se sementes das leguminosas forrageiras Trevo Suaveolens (*Trifolium suaveolens*) cultivares Maral e Resal, Trevo Esquarroso (*T. squarrosum*) cultivar Fertirrosa, e Trevo Vesiculoso (*T. vesiculosum*) cultivar Fertiseteta. As sementes foram submetidas aos tratamentos de quebra de dormência: a) Pré-resfriamento: temperatura de 10°C por 7 dias; b) Escarificação: Colocadas em tubo de ensaio forrado com lixa para madeira nº 180 submetido a movimento circular por 40 minutos. Após, cada um dos materiais foi disposto em caixas plásticas tipo gerbox com duas folhas de papel

mata-borrão, uma lisa e outra prensada com 100 furos, umedecido com água destilada na quantidade de 2,5 vezes a massa do papel seco. Quatro caixas com 100 sementes de cada um dos materiais foram colocadas em germinador na temperatura de 20°C (Brasil, 2009). As avaliações foram realizadas aos 4 e 7 dias após a semeadura no Trevo Suaveolens (mesma recomendação usada no *T. resupinatum*), aos 4 e 14 dias no Trevo Esquarroso e, aos 4 e 10 dias no Trevo Vesiculoso, conforme Brasil (2009).

Utilizou-se o delineamento experimental completamente casualizado com dois tratamentos e quatro repetições. Os resultados foram analisados através de análise de variância e teste de comparação de médias de Fischer ($P < 0,05$).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme a tabela 1, a análise de variância detectou diferenças significativas no percentual de sementes germinadas somente na cultivar Resal de Trevo Suaveolens ($P = 0,0389$). Na cultivar Maral dessa mesma espécie, a diferença de 10,5% no percentual de germinação entre os dois tratamentos não foi suficiente para alcançar a significância pelo teste de comparação de médias utilizado, o qual exigia uma diferença mínima significativa de 12,74%. É interessante destacar, que a análise de variância previamente utilizada já havia detectado ausência de diferença significativa, com $P = 0,0904$.

Tabela 1. Percentual de sementes germinadas dos Trevo Suaveolens cultivares Maral e Resal, Trevo Vesiculoso e Trevo Esquarroso quando submetidas a dois tratamentos de quebra de dormência

Temperatura (°C)	Espécie/Cultivar			
	Resal	Maral	Vesiculoso	Esquarroso
Escarificação	75,25a	73,25a	78,25a	8,25a
Pré-Resfriamento	61,75b	62,75a	72,75a	7,00a

Médias seguidas de mesma letra na coluna, diferem significativamente para o teste de Fischer ($P \leq 0,05$).

Nas demais espécies também não foram verificadas diferenças significativas entre os tratamentos, sendo desta forma indiferente o uso de uma ou outra metodologia de quebra de dormência.

Brasil (2009) orienta como método de quebra de dormência a escarificação mecânica para superar a dureza. Consistindo em cuidadosa perfuração, remoção de uma lasca, com utilização de lima ou lixa de papel no tegumento da semente, pode ser suficiente para superar a condição de dormência.

3. CONCLUSÕES

A leguminosa *T. suaveolens* cv. Resal apresentou maior percentual de germinação quando foi submetida a escarificação, enquanto as demais não diferiram com a alteração do método de quebra de dormência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Regras para análise de sementes**. Secretaria de Defesa Agropecuária. – Brasília: Mapa/ACS, 2009. 399 p.

BRASIL. Ministério da Agricultura e Reforma Agrária. **Regras para análise de sementes** Brasília: SNDA/DNDV/CLAV, 1992. 365p.

CASTRO, C.R.T.; SILVA, R.F.; ALVARENGA, E.M. Interação entre idade, armazenamento e coloração com a dureza tegumentar de sementes de *Stylosanthes capitata* Vog. **Revista Brasileira Sementes**, 15: 37-42. 1993.

OLANDA, R.; BEVILAQUA, G.A.P.; OLANDA, G. **Desempenho e Qualidade da Forragem de Trevo-vesiculoso em Função da Dose de Fosfato Natural**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2012. 28p. (Embrapa Clima Temperado. Boletim de pesquisa e desenvolvimento, 165).

VIDOR, M.Â.; JACQUES, A.V. Comportamento de uma Pastagem Sobressemeada com Leguminosas de Estação Fria e Avaliada sob Condições de Corte e Pastejo. 1. Disponibilidade de Matéria Seca, Matéria Orgânica Digestível e Proteína Bruta. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.27, n.2, p.267-271, 1998.